

Em meados de janeiro assumiu a Presidência da República dos Estados Unidos um empresário sem experiência política e com um discurso eleitoral nacionalista e com disposição para romper compromissos assumidos pelo país (como o Acordo do Clima de Paris de dezembro de 2015 e ratificado recentemente em Marrakesh, ou a TPP, sem falar nas ameaças à OMC), além de sinais diplomáticos muito heterodoxos, seja com acenos de amizade à Rússia, seja com "bananas" à OTAN. Isso sem falar em sinais de guerra comercial com a poderosa China, em inibir a entrada de imigrantes e em mudar algumas políticas internas e externas do seu antecessor.

Ainda há muita incerteza sobre quanto das promessas eleitorais se tornarão realidade, até porque várias delas terão que passar pelo Congresso, mas o gabinete empossado com Trump está muito sintonizado com elas.

E em quase tudo se vê um certo alinhamento com cenários mutantes em outras regiões do mundo. A saída do Reino Unido da União Europeia é o mais sintomático de um generalizado descontentamento com os resultados da globalização: aumento da desigualdade, desemprego alto (por causa do aumento da tecnologia e da automação), imigrações maciças, concentração da riqueza, entre outros. E até uma certa erosão no conceito de democracia observado na Rússia e em países do Oriente Médio. Crescimento do populismo de direita na Europa coloca em risco governos sérios como na Alemanha e dá sinais de extremismos na França e na Holanda, fragilizando a Zona do Euro.

Há uma insatisfação geral latente: os governos não conseguem resolver isso, e tem analistas de peso achando que caminhamos para uma espécie de "desordem global". A brutalidade do terrorismo gratuito e as dramáticas travessias do Mediterrâneo por milhares migrantes que morrem ao tentar fugir de guerras e miséria na África ou no Iraque, na Síria, na Líbia e em outros países acrescentam mais nuvens sombrias nesse cenário preocupante.

E, é claro, a tudo isso se junta o aumento da expectativa de vida (envelhecimento das populações e a crise previdenciária daí resultante), a crescente urbanização de países ainda rurais como China e Índia, as mudanças climáticas e seu impacto na agricultura e na preservação dos recursos naturais (com ênfase para o uso da água), a demanda por energia não poluente, etc, etc...

Na nossa América Latina não estamos muito melhor do que o resto do mundo. Alguns países se ressentem da mistura de incompetência de governos passados com os efeitos da crise financeira mundial de 2008/10 e vivem encruzilhadas cruéis, como é o caso de Argentina e Brasil, em que novos governantes buscam a volta do crescimento sob ameaças sociais determinadas pelo desemprego e pela recessão. E tem a Venezuela com seus problemas quase insolúveis, mas Peru, Colômbia, Paraguai e Chile vão encontrando saídas.

Essas questões todas, nacionalismo protecionista, riscos à democracia, terrorismo, imigrações, parecem temas que não tem nada a ver com o agronegócio brasileiro, mas tem sim. E se nossos produtores rurais estão

construindo e sustentando com seu trabalho incessante a moderna economia nacional, todo esse complicado teatro do mundo pode nos prejudicar bastante. Temos que ficar de olho vivo!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**

AGROANALYSIS - FEV/2017 - OLHO VIVO